

A CRIADAGEM



RAPHAEL BORDALLO PINHEIRO

O patrão — Então isso vae ou fica?

O bicho da cosinha — Leva tempo mas sahe com sal d'azedas

O MENINO ENTRE OS DOUTORES



De todos os tempos foi que os meninos ouvissem e seguissem os conselhos dos velhos. Duas vezes que nos consta, desde que ha mundo, esta pratica se alterou; a primeira ouvir os doutores o filho de Deus, a segunda ouvir os conselheiros de estado o menino Carlinhos.

Não viram as historias rapadas dos conselhos com que o menino Jesus illuminou o entendimento dos doutores do tempo de Herodes; mas relata a historia contemporanea que foram de grande proveito os pareceres com que o menino Carlinhos illustrou a opinião dos conselheiros de estado acerca da Salamancada, no tempo do Arrobas.

O menino Carlinhos estava a estudar n'um cartapasio grego quando o foram buscar para decidir dos destinos do paço.

— Não quéo, exclamou elle; já disse que não quéo...

— Mas o menino não pôde deixar de ir para ser bonito, replicou o marquez de Ficalho. Se não vae o papá zanga-se...

— Deixal-o zangal-o. Eu ainda não tenho idade para saber d'essas coisas...



— Que prodigio! Pois é exactamente porque o menino fessa que não tem idade para estas coisas, que mostra mais juizo do que nós! Agora é que é indispensavel a sua opinião para os esclarecer a todos.

— Pois sim vou, mas olhem que me hão de dar um bom

Na sessão o menino usou da palavra com grande discernimento. Fallou de Xenophonte, de Antamneu, de Spinoza, Balnir, de Napoleão e de Conpucio, tributando a todos palavras de merecido lovor. Dedidou duas lagrimas á memoria Plutão e uma phrase á phylosophia de Diogenes e terminou com a seguinte conceituosa phrase: — tenho concluido.

Alupanaram todos e quando chegou ao caro a vez de falar, congratulou-se com o paiz pela luz de entendimento que o divino Espirito Santo puzera na cabeça d'aquelle menino. Carlinhos para os illuminar a todos e para que se julgasse a sua teria discutida. Todos approvaram unanimemente, sendo o menino cumprimentado por todos os seus collegas presentes.



A SALAMANCADA



— Tu vais á boda?

— Não; mas pago-a!



— Palavra d'honra, meu velho, não percebo, não sei, se vais a uma boda ou a um enterro?

— Nem eu!

Un balenton



Xin, xenhor, gostei d'oubir
O tal fidalgo de Fafe!
E' balenton d'uma cana!
Baia, o demo num me estafe!

Elle putcha da palabra,
Con un modo tan xibil,
Que é tal e qual cá um home
Quando levanta um barril.

Pé atraz, cuspo nas mons,
— Raícos partam, elle dixe
Xe hay aqui un balenton
Que na xombra me bulixe!

Largou tudo n un berreiro
Contra o demo do Magriço
E eu que bi a corja torta
Puz-me em guarda c'o tchinguico.

Xai-te, demo, rabiojo
O xenio bravo xustem!
Ou enton bai fazer forxas
Com o mudo de Belem.

XUAN DO



FINIS

O juiz vende a lei, põe a innocencia a preço,
 Roja um ministro a honra assim como um tropeço;
 A Igreja contra a luz revolta-se impudica,
 E insultando Jesus, de novo o crucifica.
 Faz o oiro inclinar o braço da justiça.
 O padre sacrifica a honra antes da missa.
 Vende-se a consciencia a pratos de lentilhas.
 Nas vielas, á noite, as mães vendem as filhas,
 E fazem lupanar do leito marital.
 Ergue-se o luxo infrene, impera o CAPITAL.
 A rija mocidade, a esperança das nações,
 Já traz dentro de si as grandes corrupções.
 Honra, brio, pudor, já nada d'isso existe.
 Como este desabar é triste, triste, triste!

Exalta-se o ladrão, eleva-se o assassino,
 O pobre vende o brio, o rico é libertino.
 A Licença campeia, a Liberdade é morta.
 A Honra anda a pedir o pão de porta em porta.
 A tribuna vendeu-se, o pulpito blasphema.
 A covarde abjecção estende o braço á algema.
 O Egoismo vil tão só trata de si.
 A Lei protege o crime, a Tyrania ri.
 Trae-se a Fé popular e calca-se o Direito.
 Esfacella-se tudo e tudo cae desfeito.

E ao ruido da queda, ao toque de rebate
 Não se ergue um braço só, nenhum coração batte!

Quanto havia de Bom, quanto havia de Justo,
 Nobre, Leal, Valente, Immaculado e Augusto,
 Tudo acabou! Perdeu-se o derradeiro brio,
 E esta patria de heroes é um cadaver frio!

Vermes da podridão, podeis impunemente
 Vossa fome cevar, porque ella nada sente;
 Penetrae-lhe na pel'; revoltei-lhe as entranhas.
 Não temaes, se ella tem palpações estranhas:
 Sois vós, sob a epiderme, em um monte a passear
 Que lh'a fazeis erguer e lh'a fazeis baixar.
 O' corvos que adejaes com a pupila accesa,
 Podeis descer sobre ella e dividir a preza.
 Ride, folgae, comei, no brodio derradeiro.

Fique o esqueleto só á espera do coveiro!

Acacio Antunes.



A decantada Associação commercial do Porto, acaba de por
 motu proprio, transformar o calendario, socegado, desde os
 tempos da Republica Franceza, de ominosa memoria.

Até agora, qualquer cidadão tinha a certeza de que se fa-
 zia annos a quatro ou a cinco de qualquer mez, esse dia, era
 sempre o quarto ou quinto dia do mez, a contar do dia ultimo,
 do mez anterior. Hoje não senhor.

Ha um facto, que se deu no dia tantos do mez de tal; mas
 como é preciso que se não desse senão oito ou quinze dias
 mais tarde, resolve-se que o dia faça o favor de o não ser, se-
 não passados os oito ou quinze dias.

E o dia paira envolto no seu dominó, disfarçado, por cima
 dos collegas e quando chega a hora propria, desembuça-se e
 diz-nos: cá estou.

De hoje em diante, renego a ideia de que seja branco, o
 bigode preto, do sr. Presidente do Conselho de Ministros.

Sei lá que idade Sua Ex.^a tera? pôde muito bem ser, que
 o dia em que sua Ex.^a fazia vinte e cinco annos, tenha sido re-
 movido para o anno de graça de 1890.

Sua Ex.^a pôde pois estar na plenitude da força, na flôr dos
 annos!

E procura-se ha seculos a pedra philosophal! e ouro e a
 eterna juventude, os dois enormes problemas, acabam de ser
 resolvidos n'este canto abençoado.

O sr. Fontes transforma em ouro, não os metaes vis, o
 chumbo, o cobre, o mercurio, mas uns papeis com um nome
 escripto, chamados—listas, hypotheses de opinião popular e
 pesga com elle no bolso dos srs. da Associação Commercial.
 Ito sem cadinhos, retortas, matrazes ou alambiques; nada
 d'isto, apenas com o seu fiat: em recompensa a Associação
 Commercial arroga-se a faculdade de Mephistopheles, e atrai
 com este Fausto, cuja Margarida é o Syndicato, ás eternas e
 floridas campinas da eterna primavera.

Se a Associação Commercial, me fizesse o obsequio de me
 mandar dizer, em que dia está o dia primeiro de setembro,
 para eu saber quando faço annos?

M.

Canção do rei Tal e coisas

Houve outr'ora um rei algures
 (Christão não era, era moiro)
 Senhor d'uma c'rôa d'oiro
 Que em brilho não tinha irmã.
 Diz o rei em certo dia
 A um discip'lo de Bolama:
 «A c'rôa cae-me na lama
 «Mais hoje, mais amanhã!

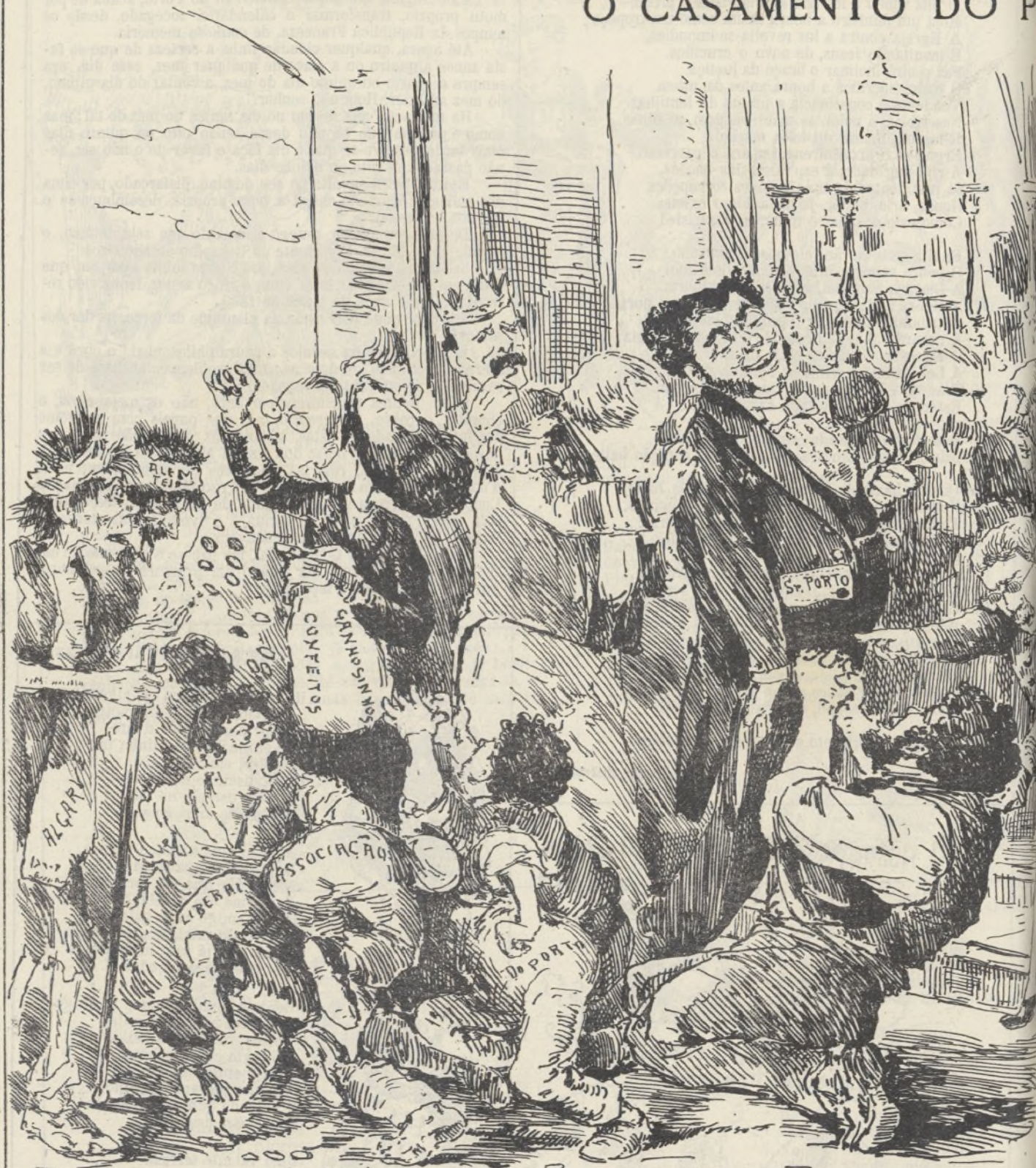
«N'outro tempo andou segura,
 «Hoje treme, abana, ginga!...
 «N'esta dôr que me seringa
 «Valha-me um conselho teu.»
 Ouve o amigo estas palavras
 Mais frias que as proprias loisas,
 E sem 'star lá com mais coisas
 D'est'arte lhe respondeu:

«Senhor, como o heroe S. Jorge
 «Se aguenta sobre a sella,
 «Podeis vós a c'rôa bella
 «No regio caco aguentar.»
 O rei matuta no caso,
 Consulta um amigo velho,
 E entende que o tal conselho
 Não é para despresar.

Uma valente tarraxa
 Ordena que alguém lhe forge,
 E p'lo systema S. Jorge,
 No toutiço atarraxou;
 E a c'rôa que lhe abanava,
 Como ao vento a aza de mosca,
 Ficou segura na rosca
 E nunca mais abanou.



O CASAMENTO DO PIÓ COM SALAMANCA



КАРНАЕЛ ВОТРАЛЛОФИНЧЕКО

HYMENEU! HYMEU!

(Cantata do Barba Azul)



Olhai, olhai, examinae,
que isto é bom . . . etc.

O LOBO E O CÃO

Un loup n'avait que les os et la peau,

Eram os fleis rafeiros
Tão dignos de parabens,
Que andava um lobo, de magro,
A cair da bocca aos cães.

Este lobo encontra um cão
Tão forte, luzido e grosso,
Que mostrava não ser d'esses
Que roem o bello osso.

De ataca-o e pol-o em postas
O lobo teve fumaças;
Mas o cão no seu focinho
Mostrava não ser p'ra graças.

Chega-se a elle, remira-o,
E diz com toda a brandura:
Nunca vi um cão mais bello,
Um cão de tanta gordura.

Meu caro, responde o cão
Que tinha uma alma perfeita,
Se como eu queres ser gordo
Posso ensinar-te a receita.

Sim?... pois fico-te obrigado.
E que é preciso que eu faça?
— Coisa de pouca importancia,
Muito leve... e que não massa.

Trabalhar nas eleições
De certos brutos graudos,
E em ser d'elles bom capacho.
Fazer constantes estudos.

Tecer muito servilmente
Do rei Leão o elogio;
E sobre as suas proezas,
Isso, caluda... nem pio.

Garatujar nos jornaes
Em estylo campanudo,
Defender ministros ursos,
Salamancadas e tudo.

— Pois aceito, torna o lobo,
Muito a pechincha me agrada.
E um do outro a par, contentes,
Vão correndo pela estrada.

Depois de fraternalmente
Caminharem certo espaço,
Nota o lobo que o amigo
Tinha pellado o cachaço.

— O que é isto? — Coisa pouca
A que não deves dar peso:
E' do roçar da colleira
Com que no pateo estou preso.

— Pois vives agrilhado
E os teus vis grilhões adoras?
Diz o lobo, e a correr deita,
E ainda corre a estas horas.



THEATROS GYMNASIO

COMPANHIA DO PRIOR DA LAPA



O conde de Almedina disfarçado em tenor
para figurar em mais uma exposição de arte or-
namental.



O seraphico Fernandes Vaz impingindo uma
aria ao publico para se desforrar de não ter po-
dido impingir um drama á camara.



Uma scena pathetica depois de um almoço
de Chocolate Mathias Lopes



A corista gorda de S. Carlos, conservada em
banha, como o lombo de porco, para chegar até
ao verão, apresentou-se no theatro do Gymnasio
como amostra, para credito da fabrica de con-
servas de Leal, Costa, & C.ª



Antonio Duarte, por motivos de muito peso, foi banido
da companhia de canelins do Calaprene e aproveitado para a
companhia de canelões do Gymnasio.

VICTORIA!

(Carta a um accionista dos Bancos do Porto)

Illustrissimo senhor
E meu presado collega;
Vá tirar á sua adega
Meio litro de agua-pé,
Pois decerto esta noticia,
Que lhe alegre o olho gasco,
Fal-o beber um copasio
A' saude do Burnay.

Temos a coisa arranjada!
Abafou-se a discussão
D'esta maldieta questão
Que dura ha mais de trez mezes;
Lembrando ao Fontes o adagio
«Mais mula e menos gualdrapa»
Poz-lhe o cobertor de papa
Do Sieuve de Menezes.

E' bella peça de pano
Este prestante visconde;
Não tema que elle esbarronde
Se fôr mister outro abafó...
Salta por cima de tudo
Co'um denodo cobralista,
Que deixa a perder de vista
O pulo que deu a Sapho!

O debate dos artigos
Vae tambem ser abafado,
Porque lá diz o ditado
«Cesteiro que faz um cesto...
Podemos ter a certeza
De vencer esta batalha;
O curro não se tresmalha,
Que o Fontes é bom cabresto...

Pan.



Que popularidade!

Costa Pinto de orgulhoso,
Já não fala a toda a gente,
Anda alegre, jubiloso,
Não cabe em si de contente!

(E em verdade se coubesse,
Tinha ataques de tenesmo,
Que é tamanho, que parece
Não caber dentro em si mesmo)

Do dia tornado heroe,
Toda a gente o elogia;
Que abençoada que foi
A explosão na Trafaria...

Ao ministro dando o braço
Tratou com elle de tu,
Fez discurso, foi ao paço
Beijar a mão ao Zilu!

P'ra as eleições de futuro
Vae gastar polvora em latas,
Que é mais forte e mais seguro
Que o bacalhau com batatas.

E a victoria logo aprompta,
Sem manha, trapaça ou trica,
Mandando por sua conta
Deitar fogo a Caparica.

Pan.



O PAIZ DE COCANHA

N'esta cantiga veja se se engolfa
O Zé-Povinho que entender de solfa

Saltemos, rapazes,
E' rir sem cer'monia;
Viver na Parvonia
E' ser bem feliz;
Não vencem os reinos
Da Mandria e da Manha
O meu de Cocanha
Formoso paiz.

Um rei possuímos
Que a todos dá cóca,
Que caça, que toca,
Rabisca e traduz;
Que sabio governo
E a dita nos trouxe
No sceptro mais doce
Que um pau d'alcaçus.

Nós temos ministros
Que pintam as brancas
E com salamancas
Obrigam a rir;
E cabos de guerra,
Que á força de brigas
Crearam barrigas
Que fazem fugir.

No coio onde a recta
Justiça se anicha
Se faz com que a bicha
Estique o pernil:
Alli se interpretam
Com fêrvidos brios
Por varios feitios
As leis de funil.

Saltemos, rapazes,
E' rir sem cer'monia;
Viver na Parvonia
E' sempre um maná.
Cantemos em quanto
Não chega a castanha:
—Paiz de Cocanha
Como este não ha.



SALAMANQUISTAS

Um tigre d'unhas cortadas,
Senhor de varias alemphas,
Que faz com salamancadas
O que não pôde co'as unhas.

Formidavel patuléa,
O terror dos cabralistas;
Hoje de barriga cheia,
E' um dos salamanquistas.



Um pimpão do syndicato
Mais dinheiroso que douto,
Offrece um formoso gato
Em recompensa d'um voto.

Homem que não pôde ver
Os parentes em jejum;
Amante da tamara doce,
Bazorra numero 1.



ABUSO NO VERSO - NAO TORNO MAIS
737

A BONECADA DE SALAMANCA



Por este processo votaram os fantoches um syndicato reprovado por um paiz inteiro